

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

A EVOLUÇÃO DOS IDEAIS DA EDUCAÇÃO, O CENÁRIO DO ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM E SUAS ESTRATÉGIAS¹
THE EVOLUTION OF THE IDEALS OF EDUCATION, THE HIGHER EDUCATION SCENARIO OF NURSING AND ITS STRATEGIES

Carine Cristiane Borgmann Brischke²

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Epistemologia e Educação I do Curso de Mestrado de Educação nas Ciências da UNIJUI. Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, bolsista Taxa CAPES, email: enfcarinebrischke@outlook.com. Professora Doutora e Coordenadora do Curso de Mestrado em Educa

² Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, bolsista Taxa CAPES, email: enfcarinebrischke@outlook.com.

Considerando a figura do professor como protagonista do processo de ensino que fundamentado num paradigma tradicional não atende mais às expectativas de um mundo globalizado (GEMIGNANI, 2012), entendendo que é preciso problematizar as estratégias de ensino utilizadas nos atuais modelos de organização curricular ainda dominantes nas escolas e, em particular, no ensino superior, e que dificultam o processo de aprendizagem em sala de aula.

Para um melhor entendimento da situação atual do ensino, das estratégias vigentes, das dificuldades, se torna importante entender os fundamentos epistemológicos e a história por trás do processo educativo, as quais levaram à necessidade de novas reformulações.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo. Rousseau foi quem inaugurou uma nova era na história da educação, se constituindo como marco que dividiu a velha e a nova escola (GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, 2005).

Os teóricos iluministas pregavam uma educação cívica e patriótica baseada nos princípios da democracia, uma educação laica, gratuitamente oferecida pelo Estado para todos. Tem início com ela a ideia da unificação do ensino público em todos os graus. Mas ainda era elitista, somente uma minoria da sociedade podia ter acesso à universidade (GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, 2005).

A “Escola Nova” ganhou vários slogans como “Escola Ativa” ou “Escola Progressiva”, tendo sido iniciada em países Europeus e Estados Unidenses na transição dos séculos XIX para o XX. Na Europa, foi defendido, entre outros, por Edouard Claparède (1873-1940) e Maria Montessori (1870-1952). Nos Estados Unidos John Dewey (1859-1952) e William Kilpatrick (1871-1965) foram seus principais defensores (GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, 2005).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Para Kilpatrick (1871-1965), um dos teóricos da “Escola Nova”, a sociedade moderna muda rapidamente. E o indivíduo precisa estar cada vez mais preparado para lidar com os novos problemas que surgem nessa sociedade (GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, 2005).

John Dewey ao se inserir neste contexto revolucionou o sistema educacional da sua época, sugerindo novas técnicas pedagógicas provocando mudanças significativas no modelo educacional vigente, fundamentadas no pensamento liberal. Surge então uma nova filosofia em que “a escola deveria atuar como um instrumento para a edificação da sociedade através da valorização das qualidades pessoais de cada indivíduo”. (PEREIRA, 2009, p. 155).

A idéia básica do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno. A filosofia deweyana remete a uma prática docente baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais. Isso não significa reduzir a importância do currículo ou dos saberes do educador. O educador não tem que estar somente atento ao princípio geral de que as condições do meio modelam no aprendizado do aluno, mas também de reconhecer que nas situações concretas, as circunstâncias conduzem a experiências que produzem o conhecimento (PEREIRA, 2009, p. 155, 156).

No Brasil, um dos precursores da Escola Nova foram Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, dentre outros. Anísio Teixeira pretendia a universalização de uma nova escola, comum para todos, onde as crianças de todas as posições sociais iriam “formar a inteligência, a vontade, o caráter, os hábitos de pensar, de agir e de conviver socialmente” (CORDEIRO, 2001, p. 242).

Para Anísio, a escola tradicional era a oficina do conhecimento racional e a oficina do trabalho era a escola do conhecimento prático. Uma não conhecia a outra, eram dois mundos à parte, que poderiam se admirar e se odiar, mas não se compreender. A aproximação destes dois mundos, com a conseqüente transformação de ambos, se deu com o advento da ciência experimental que nasceu quando o homem do conhecimento racional resolveu utilizar os meios e processos do homem da oficina, não apenas para “fazer apetrechos”, mas para elaborar o “saber” e para produzir novos conhecimentos. Assim, a experiência prática tomou o lugar do conhecimento empírico, produzindo as tecnologias experimentais que, por sua vez, substituíram as artes empíricas. Para ele, os dois sistemas se fundiram em um método comum de pensamento e ação (CORDEIRO, 2001, p. 243).

Segundo Rezende (2003, p. 73) para Fernando de Azevedo “não haveria mudança rumo a uma educação pública e universal, se os princípios e as ações para construí-la fossem circunscritos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

somente ao Estado e aos governos”, e que para promover uma “evolução da nação somente teria êxito se atingisse, além dos diversos segmentos sociais, também os professores, os dirigentes escolares, os pais de alunos e, principalmente, os próprios alunos”.

Pensando em como se dá o processo educativo nos dias atuais, a expansão do ensino superior nos leva a ter um outro olhar sobre os métodos de ensino. Como já foi mencionado, inicialmente o ensino era elitista, tinha outra realidade de sujeitos. Atualmente há uma nova realidade no ensino superior, o qual sofreu uma grande expansão a partir da década de 80/90, com muitos sujeitos entrando nas Universidades com inúmeras dificuldades, o que se constata pelo alto índice de reprovação, as diferenças das profissões e com um espectro muito grande de profissões. A partir deste contexto como que este acesso pode levar a uma inclusão onde os sujeitos aprendam e sejam um novo profissional?

Quanto à profissionalização da enfermagem, por mais que a técnica seja uma condição para o sujeito se formar, a competência acaba não sendo o suficiente, e as metodologias ativas é que tornam este processo mais justificativo e significativo (TARDIF, LESSARD, 2005).

A questão das metodologias nas universidades parece ser um dos problemas centrais na identificação das limitações encontradas no ensino. Mas Bordenave (1994 apud BERBEL, 1999) refere que a modernização dos métodos não garante que a universidade influencie na modificação da sociedade, pois “disciplinas obsoletas e alienadoras podem utilizar-se de técnicas modernas e sofisticadas da tecnologia Educacional” (p. 30).

O ponto crucial das discussões e das propostas em relação aos problemas educacionais está centrado em torno do distanciamento entre a formação acadêmica e a realidade. É fundamental que alunos e professores não só compreendam, interpretem e expliquem a realidade, mas que consigam intervir sobre ela (BERBEL, 1999).

Por mais que as reflexões teóricas sejam consideradas como formas de ação com consequências na práxis humana e que ela possa legitimar a atividade epistemológica, há inúmeras lacunas nestas formas de definir os saberes científicos, pois trata-se de uma reflexão de caráter eminentemente teórico. A pergunta é, como relacionar esta atividade com a intervenção? (FENSTERSEIFER, 1999).

Wal e Carraro (2009) falam da influência da teoria da revolução de Kuhn^[1] na profissão da enfermagem, e que a existência de apenas um paradigma não é aceitável, principalmente nesta área, que trabalha, assiste e cuida dos seres humanos que apresentam diferentes percepções sobre as situações de saúde e doença. Para a enfermagem, a existência de vários paradigmas demonstra ser esta uma ciência forte e ativa, que encoraja desde a criatividade e o debate de ideias.

Kuhn percebeu que os relatos tradicionais da ciência não suportavam uma comparação com a realidade histórica dando ênfase ao caráter revolucionário do progresso científico, em que uma

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

revolução implica o abandono de uma estrutura teórica e sua substituição por outra, incompatível (CHALMERS, 1993).

Os que trabalham dentro de um paradigma praticam aquilo que Kuhn chama de ciência normal. Kuhn retrata a ciência normal como uma atividade de resolução de problemas governada pelas regras de um paradigma. Um cientista normal não deve ser crítico do paradigma em que trabalha, pois somente assim ele será capaz de concentrar seus esforços na compreensão e interpretação minuciosa do paradigma. A mera existência de dificuldades não resolvidas dentro de um paradigma não constitui uma crise (CHALMERS, 1993).

Grinspun (1994 apud BERBEL, 1999) refere que os novos paradigmas em educação deverão contemplar a construção do conhecimento pelo próprio aluno, contribuindo para que este seja mais integrante e participativo da história em que vive. O paradigma educativo tradicional e sua metodologia têm sido insuficientes para enfrentar as realidades atuais, sendo necessária uma metodologia que possibilite a formação de um profissional crítico e reflexivo.

Para dar conta destas transformações e romper com o paradigma da Pedagogia Tradicional, surgem ao final do século XIX as metodologias ativas fundamentadas na pedagogia não diretiva, também definida como “escola ativa ou escola nova” (ARAÚJO e SASTRE, 2009 apud GEMIGNANI, 2012). E as metodologias ativas tem-se apresentado como uma das alternativas para atender estas exigências.

As metodologias ativas surgem dentro de uma visão de educação libertadora, voltada para a transformação social, cuja crença é a de que os sujeitos precisam instruir-se e conscientizar-se de seu papel, de seus deveres e de seus direitos na sociedade (BERBEL, 1995).

As metodologias ativas utilizam-se de conceitos de várias pedagogias no âmbito de uma visão libertadora, problematizadora e histórico-crítica. A educação problematizadora existe desde a antiguidade grega, tendo seus fundamentos no humanismo, compreendidos como uma filosofia que põe o homem e os valores humanos acima de todos os outros, afirmando o valor e a dignidade do homem. Sócrates com seus ensinamentos já mencionava que o conhecimento devia ser desenvolvido pelo próprio indivíduo, por meio do método dialético. Tanto para Sócrates como Platão “pouco progresso mental se obtinha do simples fato de ministrar conhecimentos” (BERBEL, 1999, p. 42).

No modelo mais tradicional, o professor é o centro do processo de ensino. Mas hoje, já não se ensina e nem se aprende como alguns anos atrás. A figura do professor como protagonista do processo de ensino e aprendizagem é fundamentado num paradigma tradicional de ensino que não atende mais às expectativas de um mundo globalizado e repleto de inovações e tecnologias (GEMIGNANI, 2012).

O uso das metodologias chamadas ativas tem como objetivo superar a fragmentação de saberes evidenciada nos currículos tradicionais pela organização dos conteúdos em disciplinas isoladas.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Sendo assim, a utilização de metodologias de ensino ativas para formação de profissionais em saúde é um dos grandes desafios das IES (GEMIGNANI, 2012).

Trata-se de uma proposta de ensino e aprendizagem na qual o estudante é o centro do processo de ensino e aprendizagem, e o educador é o mediador que ajuda a explicitar e a sistematizar aquilo que a vida e o contexto dos educandos fornecem como elementos de análise, o que contribui para o desenvolvimento de competências, principalmente quando se tratando da formação de profissionais de enfermagem (GEMIGNANI, 2012).

No mundo atual contemporâneo vemos e vivenciamos inúmeras crises quanto ao processo educativo, o que nos leva a crer na necessidade de haver uma mudança de paradigma. Acredito que um dos maiores desafios é a necessidade do envolvimento crescente dos docentes nestas reflexões, lutas e propostas de mudanças na formação dos sujeitos, enquanto coletivo, fazendo com que as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula sejam objeto de estudo. Há uma necessidade, portanto, de problematizar a própria prática, para isso o professor precisa compreender e ressignificar a sua prática, fazendo uma interlocução entre o campo profissional e a teorização (TARDIF, 2002).

Não é qualquer prática ou qualquer atividade, que pode ser desenvolvida em sala de aula, deve ser sempre uma prática reflexiva, o que de fato acaba sustentando o nosso ser profissional. Precisamos aprender a fazer um movimento diferente, apesar de nem todos os professores refletirem sobre a sua prática, a fim de explicitar o que acontece dentro da sala de aula (TARDIFF, LESSARD, 2005).

Percebe-se, portanto o quanto os saberes são elementos constitutivos da prática docente. Assim, o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e principalmente, desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com seus alunos (TARDIF, 2002).

[1] Refere-se ao livro: *A Estrutura das Revoluções Científicas* de Kuhn publicado em 1962.